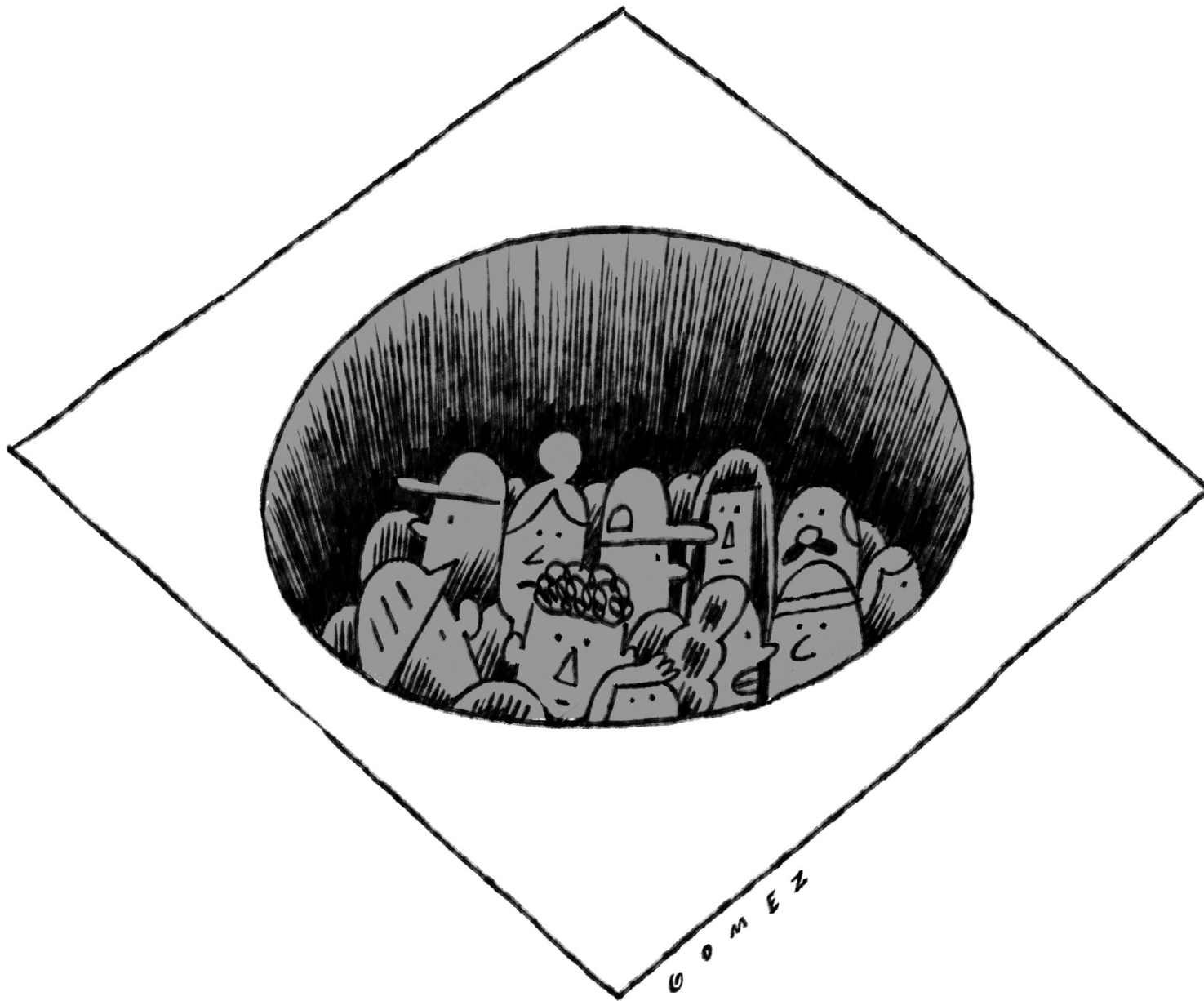


Alerta aos presidenciaíveis

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio SP, é membro da Academia Paulista de Letras



O Brasil convive com um problema que se arrasta por muito tempo: amargamos, simultaneamente, a falta de empregos e a escassez de pessoal qualificado. Essa escassez é crônica, apesar da melhoria da educação. Em 1988, a média de anos de estudo dos brasileiros de 25 a 65 anos era de apenas 5,1 anos. Hoje, passou para 7,8 anos. Entre os jovens de 18 a 29 anos, 66% têm 12 anos de estudo ou mais. O setor público investe 6,3% do PIB em educação. O gasto por aluno na educação básica triplicou na última década, sem contar os gastos das famílias, que são consideráveis.

Apesar disso, mais de 70% dos estudantes do ensino médio não têm conhecimento adequado de português e matemática. Na economia, a produtividade nas últimas três décadas cresceu apenas 1% ao ano. Quando se analisa a situação educacional da força de trabalho, os números ainda são deprimentes. Cerca de 3% dos brasileiros que trabalham — os mais velhos — ainda são completamente analfabetos; 23% têm apenas alguns anos de escola do ensino fundamental; 8,5% completaram esse nível; 7,5% têm o curso médio incompleto; 33% completaram o ensino

médio, na maioria dos casos de forma precária; 6,5% têm alguns anos de escolas de nível superior; e 18,5% conseguiram se formar nesse nível onde se registra igualmente um grande número de faculdades de baixa qualidade — quadro esse que foi agravado pela pandemia da covid-19.

Essa é a nossa situação. Ao lado de tanto desemprego, falta uma grande quantidade de trabalhadores bem educados, que tenham bom senso e lógica de raciocínio — as qualidades mais buscadas pelas empresas. Temos apenas 8% dos jovens matriculados em cursos de formação profissional enquanto a maioria dos países avançados tem 40% ou mais.

Em suma: o Brasil continua com uma força de trabalho mal preparada que mal atende as atividades simples ou rudimentares do comércio, serviços, mineração, agricultura etc., mas não atende as atividades dos setores que estão sendo cada vez mais ancorados em tecnologias modernas.

Dou um exemplo. O setor de tecnologia da informação (TI) precisará de mais de 800 mil profissionais bem formados nos próximos 4-5 anos. Só em 2021, o setor

gerou 123 mil empregos, enquanto a oferta de profissionais [razoavelmente] treinados foi de apenas 53 mil. Esse quadro está se repetindo em 2022 com um agravante: os bons profissionais moram no Brasil e trabalham para o exterior. O setor da TI é essencial para a melhoria da produtividade e da competitividade das empresas e da economia brasileira.

Desembocamos novamente na necessidade de educação de boa qualidade. Não basta inaugurar escolas e lançar programas pomposos. Lembro aqui o grande fiasco do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), que investiu R\$ 38,5 bilhões em 2011/16, com resultados pífios ou desprezíveis.

Qualificação profissional não é para amadores. Bons mestres conhecem as profissões nos seus detalhes. Isso faz muita diferença, pois uma coisa é ensinar, outra é aprender. É disso que o Brasil precisa: que os jovens aprendam os segredos das novas profissões e estejam preparados para acompanhar o seu avanço pelo resto da vida. O que os atuais presidenciaíveis têm a dizer nesse campo?

Poder sem propósito não é o mesmo que liderança

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS
General de Divisão da reserva

Eleições são terrenos minados por bate-boca e incompreensão. Vejam as nossas, caro leitor. As falas dos candidatos preparam o ambiente de batalha final para a aniquilação total do adversário, retratado sempre como moralmente inaceitável. Ainda que esses inimigos de hoje, hipocritamente, possam estar aliados nas próximas eleições.

Nesse embate de opiniões, nenhum lado deseja realmente escutar o outro. Busca morder seus seguidores, muitos desamparados de sustentação psicossocial, incutindo-lhes uma mentalidade divisiva e irreconciliável. São momentos como esses que exigem a “erupção” de lideranças motivadoras, sensíveis à realidade da sociedade, apaziguadoras de ânimos e humildes na aceitação de seus equívocos. Que tenham o poder como instrumento social e não pessoal.

Os atuais condottieres precisam compreender a diferença entre mandar, comandar e liderar. O mandar é fruto do poder que o cargo lhe oferece. O comandar é ato pessoal de aceitar e estimular a cooperação. O liderar vai muito além, é instigar por palavras, por gestos, pelo exemplo individual, natural e às vezes estoico. O poder sem propósito e sem visão não é o mesmo que a liderança. Igualmente, são

momentos como esses que exigem uma sociedade que compreenda o seu papel na construção do Estado e do governo, entes fundamentais para a paz e o bem-estar sociais.

Extraio trecho da obra *A questão de culpa*, de Karl Jasper, ao comentar a sociedade alemã no período de 1933 a 1945. Uma formulação ainda atual e preocupante. “Parece que as pessoas não querem pensar individualmente. Elas buscam apenas palavras de ordem e obediência. Elas não perguntam e elas não respondem. Elas só sabem afirmar e obedecer, não examinar e reconhecer, por isso também não podem ser convencidas.”

A nossa responsabilidade cidadã não cessa em momento algum. Temos sempre que assumir nossas culpas e nossos acertos. No Estado moderno, todos agem politicamente, no mínimo ao votarem nas eleições ou até deixando de fazê-lo. A responsabilidade política não permite que ninguém fuja para a selva escondendo-se de seu papel. Portanto, não há trilha ou atalhos que nos façam chegar aonde desejamos que sejam livres dos obstáculos políticos, econômicos e sociais.

Todos os atos que redundem em ações de um governo acontecem por meio de atores humanos. Os detentores do poder, os

colaboradores de diversas categorias e a massa de indivíduos em seu dia a dia de sobrevivência são os personagens dessa peça da vida de um país. O filósofo deixa perpassar que as sociedades só encontrarão a estrada pavimentada para o futuro por meio da comunicação entre pessoas. E eu acrescento, da comunicação entre instituições.

A produção da argamassa, a realização dos cálculos técnicos e a execução da obra é nossa responsabilidade. Nossas britadeiras, pás e picaretas serão os votos. Naturalmente, o encarregado da obra precisa compreender seu papel nessa empreitada. Quando enxergamos candidatos a mestres de obras apenas com ganas de poder, ultrapassados no tempo, que usam técnicas obsoletas de fazer política e que tentam se impor pelo grito e não pela competência, a tendência é termos que recaptar, a cada quatro anos, o piso esburcado nesse caminho que nos levará à estabilidade democrática.

A propósito e voltando ao tema liderança, “se um líder se vangloria continuamente, não demonstra civilidade, ou gosta de discutir, não irá longe”, afirmou Theodore Roosevelt. Parece ser essa, por enquanto, a nossa sina. Paz e bem.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Ex-auxiliares são para sempre

Tudo que o presidente da República não necessitava neste momento era ter que engolir os casos espinhosos, quase simultâneos, envolvendo integrantes do primeiro escalão de seu governo. Nos dois casos, as acusações são sérias e podem, dependendo do andamento das investigações, resultar não só em prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, e do ex-presidente da Caixa Pedro Guimarães, como respingar diretamente no governo, prejudicando uma possível reeleição do chefe do Executivo.

Nos dois casos, um envolvendo corrupção e outro o crime de assédio sexual, as acusações são pesadas e de difícil resolução sem uma apuração mais profunda e demorada, o que pode, facilmente, levar esses casos para além das eleições de outubro. Se foram uma estratégia política, deu certo. Observando esse imbróglio, do ponto de vista da oposição e tendo como pano de fundo o candidato das esquerdas, os escândalos, envolvendo os auxiliares diretos do presidente da República, parecem delito menor. Agora, observando todo esse caso sob o ângulo da Justiça, principalmente das altas cortes, onde o presidente tem antagonistas visíveis e fidalgos, todos esses casos podem descambar num ruído e desgastante processo, em que crimes como prevaricação e acobertamento de inúmeros casos anteriores de assédio podem ter sido praticados.

De todo o modo fica, mais uma vez, a lição a ser seguida na escolha criteriosa dos assessores que serão alçados ao primeiro escalão, pois a cara de um governo é exatamente a de seus ministros e auxiliares mais próximos. No caso do presidente da Caixa, a escolha foi pela competência profissional, que é incontestável. Não têm sido poucos os casos em que as debilidades de um presidente, ficam amortecidas e até não vistas, graças à excelência exibida por sua equipe direta. A questão aqui é que o mérito, ou não, fica sempre por conta de quem nomeou esses personagens, em ato público, com assinatura timbrada em documento oficial.

Outro problema que pode surgir desses eventos malfazejos é os personagens virem a ameaçar o governo e outras autoridades, com promessas de contar o que sabem e o que não sabem como fez Weintraub e Palocci. Esses e outros casos mal explicados podem ainda provocar problemas no futuro, uma vez que se sabe que ex-auxiliares próximos são como ex-esposas — são para sempre — e, na virada da esquina, podem muito bem voltar sua artilharia contra o presidente. O que não se pode, nos dois casos rumorosos do momento, é fingir que eles não dizem respeito ao Executivo, uma vez que são ex-auxiliares do governo, entregues ao critério da Justiça. A coisa não é assim tão fácil. Há laços e muitos laços a envolver quem fica e quem parte.

» A frase que foi pronunciada

“A liberdade não pode ser mero apelo da retórica política. Ela deve exercer-se dentro daqueles velhos princípios, que impõem, como único limite à liberdade de cada homem, o mesmo direito à liberdade dos outros homens.”

Ulysses Guimarães

Chegando a hora

» Mesários começam a receber a comunicação para fazer parte do corpo de voluntários nas eleições. Uma mensagem preliminar é enviada pelo WhatsApp. O chamado que, no passado, era quase uma ameaça está bem mais amigável.

Habite-se

» Foi uma saga para o nosso leitor conseguir cumprir todas as regras para receber o alvará de sua nova residência. Mas o processo empacou quando foi cobrado pela Novacap instalação de reservatório de retenção de águas pluviais na residência. Mesmo que a legislação deixe claro que a providência seja opcional para o morador, novamente a burocracia emperra o processo para quem quer fazer tudo certo.

Psique

» Todo assédio sexual é, antes de tudo, um caso de assédio moral. O assédio é, do ponto de vista psicológico, uma pulsão, sendo a importunação moral ou sexual, oriundas de mesma matriz. O que o predador tem a sua frente é o objeto do desejo que deve ser submetido ou a Eros ou a Thanatus.

PM

» Censo demográfico no Lago Norte. Os censiteiros estarão identificados. O Batalhão da Polícia Militar da região disponibilizou o WhatsApp 9 94267168 para quaisquer dúvidas.

» História de Brasília

Quem gosta de ouvir o *Jornal Falado Tupy de manhã*, está reclamando que em ondas médias, uma estação de rádio amadores está provocando interferência. (Publicada em 2/3/1962)